

# Romances femininos: estudos de *literatura e história*

Paulo Henrique Oliveira<sup>48</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

## **Resumo**

O presente estudo apresenta um panorama, das pesquisas literárias e históricas, sobre os romances femininos. Por meio de uma discussão bibliográfica, procura-se delinear as contribuições e as questões apontadas por diferentes pesquisadores, em suas análises sobre obras e coleções, publicadas, no mercado editorial brasileiro, em diferentes períodos, dentro de um projeto literário e editorial, estritamente, voltado para o público feminino. Inicialmente, os romances femininos foram publicados na segunda metade do século XIX, tendo reconfigurações, entre os séculos XX e XXI, de acordo com o contexto histórico e literário de cada época. Denominados de “romances sentimentais”, “romances cor de rosa” e, até, “romances, água com açúcar”, os estudos, sobre esse gênero, evidenciam intenções e subjetividades expressas nas representações da figura feminina, que estão contidas nas obras. Essa percepção caracteriza a oportunidade de se tecer estudos aprofundados, sobre a produção, distribuição, circulação e a leitura de romances femininos, fazendo ecoar os seus múltiplos sentidos, tanto no que se refere a sua estética, quanto às formas narrativas.

## **Palavras-chave**

Romances. Literatura. História da Leitura. Feminino.

---

<sup>48</sup> Doutorando em História Social pela PUC-SP. Mestre e Especialista em História, sociedade e cultura. Pesquisa sobre história e literatura, práticas de leitura e a produção, circulação e difusão de romances femininos.

## **Introdução**

A expansão do gênero romance, no mercado editorial brasileiro, suas subdivisões literárias e posterior popularização por meio das coleções, dentre elas o romance feminino, lançadas por diferentes editoras, entre os séculos XIX e XX, gerou o interesse de pesquisadores, das mais diferentes áreas, em compreender quais os efeitos de narrativas romaneadas nas mulheres, público para o qual se destinam. Como liam e como se apropriavam das leituras e quais as representações nelas contidas.

Não por acaso o estudo dos romances femininos apresenta-se num momento em que as Ciências Humanas passavam por novos paradigmas e enveredavam-se pelos caminhos dos estudos culturais, em específico, nos campos disciplinares da História e da Literatura.

A partir da década de 1980, a chamada Nova História Cultural, passou a observar novos paradigmas, novos problemas e novos objetos, justamente, buscando compreender as produções culturais em diferentes sociedades e temporalidades. Como define José D'Assunção Barros:

A Nova História Cultural propõe o estudo dos sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e, por fim as normas a que conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes. (BARROS, 2011, p. 38).

Os estudos culturais foram ampliados em cursos de pós-graduação, literários e historiográficos. As produções acadêmicas passaram a se preocupar com a construção das memórias coletivas e individuais, através das narrativas, dos discursos, e das experiências sociais por meio das representações, práticas, táticas e hábitos sociais. Assim, de acordo com Barros (2011), as estruturas explicativas deram lugar ao reconhecimento da subjetividade, da dispersão e da profusão de novos métodos de análise.

Nesse corolário, o estudo dos romances femininos passou a ter um maior aporte com subsídios teóricos e metodológicos, pautados nos estudos culturais, o que possibilitou traçar interpretações sobre a produção, a leitura, a representação, a apropriação e a popularização desse gênero literário, especificamente, entre as mulheres, em diferentes períodos e contextos. Soma-se ainda a esse cenário, o diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento como: a Literatura, a Antropologia, a Psicologia, a Linguística, a História da Educação, a História da Leitura e a Comunicação Social, ampliando a discussão e a reflexão sobre a produção e a difusão do gênero romance e os seus derivados.

## 1 Delineando um campo de estudos

Rosane Manhães Prado é a pioneira no estudo dos denominados romances femininos. Em seu artigo *Um ideal de Mulher: Estudos dos romances de M. Delly* (1981), a autora faz uma análise da construção dos enredos, buscando compreender os padrões específicos que compõem um “modelo de mulher” e são representados nos romances de M. Delly<sup>49</sup>.

De acordo com Prado (1981, p. 106), as heroínas dos romances dellyanos parecem ter saído, “quase que todas de uma mesma forma”, gerando assim um “padrão”, em relação às qualidades e aos modelos de comportamentos femininos.

Prado analisou diferentes títulos de M. Delly, observando as características físicas e psicológicas das personagens heroínas. Em suas considerações, os romances dellyanos constroem um “ideal de mulher”, que se projetam na literatura, como forma de disseminação e posterior assimilação pelas leitoras.

Ampliando a discussão, Maria Teresa Santos Cunha, em seu livro *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly* (1999), procurou perceber, como os ideais femininos, representados nos livros de M. Delly, eram percebidos pelas leitoras, tentou compreender, ainda, porque as mulheres gostavam de ler aquelas histórias e o porquê dos livros de M. Delly tiveram tanta popularidade, entre jovens brasileiras de classe média, na região metropolitana de Santa Catarina, entre as décadas de 1930 a 1960.

Cunha teceu uma análise dos romances dellyanos, a partir dos suportes materiais (capas, títulos, disposições tipográficas), dos conteúdos (enredos, tramas, personagens, cenários) e das representações da mulher contidas nas obras. Ela, também, entrevistou leitoras dos romances de M. Delly e constatou que nos romances, além do “ideal de mulher”, que Rosane Prado havia identificado, estavam, também, representados normas, condutas e valores, suscetíveis de se caracterizar como uma forma de “educação”, o que para Cunha trata-se do reflexo de uma sociedade burguesa, da primeira metade do século XX, que se utilizou do

---

<sup>49</sup> M. Delly foi o pseudônimo do casal de irmãos, Frédéric Henri Petitjean de la Rosière e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière, escritores franceses do século XIX. Juntos, os dois irmãos, publicaram mais de uma centena de livros, os quais proporcionavam uma leitura fácil e acessível, tornando-se, especialmente, populares, numa época de mudanças estruturais sociais, em que o hábito da leitura começava a ganhar espaço entre as mulheres jovens da burguesia. Nas primeiras décadas do século XX, a Companhia Editora Nacional, de Monteiro Lobato, foi a responsável pela publicação da grande maioria dos livros de M. Delly, no Brasil. Os títulos seguiam a mesma linha publicada em Portugal, na grande maioria, pela Editora Livraria Progredior, que traduzira do francês parte de seus romances.

discurso literário romântico para construir imagens sobre a mulher. “Uma educação que seduzia e uma sedução que educava as leitoras” (CUNHA, 1999, p. 128).

Liliana Lacerda, pesquisadora da área da linguística, em seu trabalho *A imagem feminina no romance sentimental de massa* (1999), analisou romances norte-americanos, publicados nas revistas *Good Housekeeping* e *Cosmopolitan*, de circulação, apenas, nos Estados Unidos. O objetivo de sua pesquisa era demonstrar as diferenças entre as narrativas, isto é, como as trajetórias das personagens são descritas nas obras e o nível da realidade, que é de fato vivido pelas mulheres que leem estes romances e se apropriam de suas representações.

Lacerda chama a atenção para o conceito de romance sentimental de massa. Segundo a autora, o termo *romance sentimental* reflete a construção de um universo imaginário harmonioso, sem as ambiguidades, as incertezas e as limitações do mundo que nos cerca. Uma definição semelhante à Patrícia Amparo, que compreende o romance feminino, como uma forma de se “sonhar acordada”.

O termo *massa*, empregado por Lacerda, associa-se ao desenvolvimento da indústria de entretenimento e da preocupação desse setor, em alcançar um grande número de leitoras, popularizando o gênero literário, barateando os seus custos, tornando a leitura mais acessível e atraente, trabalhando questões semióticas, nas imagens das capas. Assim, de acordo com Lacerda (1999, p. 134), “o romance sentimental, tornou-se um veículo ideal para experiências de evasão de uma realidade sem graça, exacerbada de trabalho e sem emoções e romantismo, para um grande número de mulheres, portanto, de massa”.

Lacerda considera que apesar de terem ocorrido mudanças significativas nas sociedades, nas últimas décadas do século XX, os romances escritos, para as mulheres, ainda mantém, de certa forma, as estruturas que os tornaram populares, desde o século XIX.

Para Lacerda (1999), a narrativa atual, ainda segue, fielmente, os modelos estabelecidos para o gênero: ênfase na ação e no enredo, utilização de personagens estereotipadas, que refletem a visão de mundo e os ideais das leitoras e, de modo implícito a veiculação de normas e de valores que as leitoras desejam ver confirmados.

A historiadora Patrícia Amparo, em sua pesquisa *Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção Romances Clássicos Históricos* (2012), publicados pela editora Nova Cultural, entre 1990 e 2011, defendeu a hipótese de que os romances femininos educavam as leitoras. Por meio de depoimentos, Amparo procurou entender, como as leitoras se relacionavam com as histórias, através de suas apropriações e práticas de leitura.

Segundo Amparo, além do sentido “educador” das obras, os romances femininos tinham, ainda, outras finalidades, dentre elas: formar novos leitores, introduzindo, cada vez

mais, pessoas ao universo da cultura letrada, pois se tratavam de uma literatura de fácil compreensão; apresentar modelos de comportamento feminino e, também, masculino, por meio das representações da mulher e do homem e apresentar modelos de educação sentimental, normalmente, transmitidos numa tradição de mãe para filha<sup>50</sup>.

Para Amparo, os romances, publicados pela Nova Cultural, serviram como afirmação da classe burguesa, que, ao longo do século XX, no Brasil, difundiu representações femininas, masculinas e familiares, educando pessoas e mentalidades, de acordo com os valores burgueses.

O ideal de amor é, também, discutido nos romances femininos, analisados por Amparo. Para a autora, o ideal de amor contido nesses romances, afasta-se do ideal de amor do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Nos romances contemporâneos, da segunda metade do século XX e início do século XXI, o amor não está mais atrelado, diretamente, ao matrimônio e a constituição da família, como prescrevia o ideal burguês de sociedade.

Todavia, Amparo ressalta que é necessário investigar, profundamente, esse aspecto, pois as mentalidades guardam diferentes temporalidades e as leitoras, tributárias de memórias maternas e paternas de gerações anteriores, podem se apropriar de diferentes maneiras dessas representações.

No campo da comunicação social, Cleiry de Oliveira Carvalho, em seu estudo, *Romance de Mocinha e Romance de Mocinho: a literatura narrativa de massa por um convívio dos contrários* (2007), traz à luz, a discussão sobre os romances publicados, em grande escala, para uma gama variada de público leitor feminino e masculino.

A autora apresenta o seu estudo como diacrônico e crítico, sobre a coleção de livros de romances, entendendo a produção dessas obras, como um mecanismo de entretenimento e que gera efeitos no consumidor (leitor) (a).

Carvalho parte do conceito de indústria cultural, extraído de Theodor Adorno e Max Horkheimer, que pensam um conjunto de empresas e de instituições, cuja principal atividade econômica é a cultura, visando, assim, o entretenimento das massas. Para Carvalho, os romances femininos são não uma forma de educação ou de formação, mas, sim, uma forma de se entreter; um produto; uma literatura comercial, oriunda de uma indústria, preocupada em alcançar, cada vez mais, consumidores (leitores).

---

<sup>50</sup> De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 4º* (2016), organizada pelo Instituto Pró-Livro, o gênero romance é o terceiro mais lido, atualmente, no Brasil, dentro da faixa etária: 14 até 24 anos, 33%, 25 a 29 anos, 25% e 30 a 39 anos 20%. A pesquisa, ainda, revela que as mulheres leem mais o gênero do que os homens (59% mulheres e 52% homens) e que o gosto pelos romances é passado de mãe para filha.

A letróloga, Simone Meirelles, em sua dissertação de mestrado, *Das Bancas ao Coração: romances sentimentais e leitura hoje* (2002), preocupou-se, em perceber, como se constroem as narrativas literárias dos romances femininos, no Brasil, para “encantar” e “seduzir” as leitoras, buscou-se, ainda, perceber as ideologias expressas, na figura feminina, que são representadas nas obras e como as leitoras fazem usos dessas simbologias.

Meirelles compreende os romances destinados ao público feminino, assim como Carvalho, como produtos de uma indústria cultural de massa e geradores de uma literatura de entretenimento. Para a autora, trata-se de um trabalho de marketing, em que os textos, são, devidamente, encomendados a escritores e revisados por editores, para seguir uma determinada linha de produção, com o objetivo principal de estimular o sonho rápido nas leitoras, na forma de texto, por meio de uma leitura rápida. Segundo Meirelles, o trabalho de marketing feito pela editora, forja a imagem de uma “literatura de qualidade”, gerando o interesse na leitura das obras e no aumento das vendas.

Para além dessa perspectiva reducionista de análise, Meirelles, também, toca nas questões de construção de imagens femininas através dos romances. O seu estudo baseia-se nos livros de romances publicados pela editora Nova Cultural, entre 1999 e 2002. A análise das capas e das contracapas permitiu à autora, identificar que as imagens, apresentavam um “ideal de mulher”, frágil, dependente e submissa à figura masculina, levando-a a pesquisar como as leitoras, operaram com essas representações.

Em suas considerações, Meirelles compreende que, mesmo com as transformações tecnológicas, industriais e ideológicas dos séculos, XX e XXI, que permitiram às mulheres, conquistarem novos espaços, tendo independência econômica e exercendo diferentes atividades, que não só os papéis de filha, esposa e mãe, os romances femininos, no século XXI, ainda passam a imagem do ideal de casamento e da vida familiar, como sendo os principais valores sociais a serem conquistados pelas mulheres.

Para Meirelles (2002, p. 141), a presença desses romances, no mercado editorial brasileiro, no começo dos anos 2000, “reafirmam o ideal de que as mulheres precisam da união amorosa, sem a qual suas vidas seriam desprovidas de sentido”.

Em sua dissertação de mestrado, na área da literatura, *Relendo M. Delly: personagens, enredos e crítica* (2012), Aline França Russo fez um estudo de literatura comparada, analisando as obras de M. Delly, publicadas no Brasil, em diferentes décadas do século XX, pela Companhia Editora Nacional, com obras de escritoras do século XIX, como Jane Austen e Charlotte Brontë.

Russo conclui, em sua pesquisa, que as representações sobre a mulher contidas nas obras de Delly, publicadas no século XX, enquadram-se nos comportamentos definidos e esperados, para a mulher do século XIX.

Ao cruzar as características físicas, psicológicas, os comportamentos e os sentimentos das personagens femininas das obras de Delly, Austen e Brontë, Russo observa semelhanças em relação à construção da imagem da mulher, pois se tratam de obras que foram produzidas, na temporalidade do século XIX, para meninas, entre 13 e 16 anos de idade, portanto, estão permeadas dos valores e dos conceitos do período (como recato, pudor, subserviência e dependência da mulher). A pesquisadora aponta a necessidade de se estudar, a tentativa ideológica e cultural, de determinados grupos sociais, em manter a permanência desses valores em outras épocas.

O breve balanço das pesquisas apresentadas, em suas diferentes perspectivas e abordagens, aponta para a importância dos estudos sobre os romances femininos e as muitas possibilidades de interpretação literárias e históricas, ao se problematizar essa temática.

Desde a segunda metade do século XIX, o gênero romance foi se popularizando, especificamente, entre o público leitor feminino, daí advém o surgimento de subgêneros do romance, direcionados, estritamente, às mulheres e à especialização de editoras, nessa linha de publicações. Segundo a socióloga Roberta Andrade:

Esse gênero que concentra em seus enredos histórias de amor, é diretamente responsável por mais da metade de toda a produção mundial de ficção vendida na América, chegando a movimentar bilhões de dólares no mercado editorial atual e sendo também denominado de “literatura de massa”, por sua repercussão e apropriação junto ao grande público feminino. (ANDRADE, 2015, p. 354)

O gênero romance teve seu lugar, no Brasil, e em outros países, marcadamente, ao longo do século XIX, deriva das novelas e dos romances de cavalaria surgidos, na Europa, entre os séculos, XVII e XVIII. Segundo Sandra Vasconcelos, esse gênero, quando surgiu na Inglaterra, foi associado ao popular e visto, por muitos, como uma literatura pouco recomendada. Aos poucos o seu campo literário foi se delineando e a sua disseminação e popularização fizeram com que o gênero passasse a ser visto como um instrumento pedagógico.

Elementos como atitudes, regras de comportamentos, posição das mulheres, relações familiares, as representações do amor (materno e conjugal), a vida, os bons costumes, dentro do matrimônio, e os sentimentos foram associados aos romances, prescrevendo as

condutas a serem seguidas na vida social (VASCONCELOS, 2010), em específico às mulheres.

Os leitores de romances eram formados e instruídos de modo imperceptível, para muitas mulheres, inclusive, o romance era a única forma de acesso à informação e educação. Durante o primeiro quartel, do século XIX, foi que o gênero passou a ser considerado como qualidade de expressão literária da classe burguesa.

Em Paris, entre 1880-1890, os romances representavam mais da metade dos empréstimos em bibliotecas públicas (CHANTAL; SEGRÉ, 2010). No Brasil, o gênero, também, sofreu diversas críticas, a sua aceitação e posterior popularização, entre as camadas sociais, possivelmente, se deu quando o gênero, “de pouca retórica e poesia, passou a ser visto pelos críticos como uma literatura épica e de alta tradição” (ABREU, 2008, p. 298), somando-se a ele, o caráter instrutivo.

Os textos eram narrados de forma a possibilitar uma leitura agradável, de fácil assimilação, não sendo necessário ser um exímio leitor, para que pudesse se familiarizar com a obra. Tanto na Europa, quanto no Brasil, os gabinetes de leitura, bibliotecas circulantes, folhetins e jornais contribuíram para a difusão do gênero (MEYER, 1973), uns barateando os custos e possibilitando um maior acesso à leitura, outros pela regularidade das publicações diárias, que sempre contavam com trechos das obras em formato folhetim.

Outro elemento que contribuiu, para a popularização do gênero, foi à narrativa de histórias, com questões cotidianas dos leitores. Dos acontecimentos mais usuais às paixões avassaladoras, qualquer leitor poderia apreciar um romance, identificar-se com a história e o desenrolar de sua trama. Para Vasconcelos (2010), o tempo dos romances é o tempo presente e as suas histórias envolvem aspectos familiares, circunscrevendo-se ao mundo doméstico.

Por meio dessas obras era possível ainda guiar os leitores, com exemplos de moral, trabalhando as características psicológicas das personagens, suas virtudes ou suas intemperanças, vícios e qualidades, de modo que a heroína, quando guiada por bons costumes, recebia os frutos de sua boa conduta. Caso contrário, a morte ou a solidão eram os castigos, por ter se perdido nas tentações do amante ou nas armadilhas do vilão. A mescla do realismo com a edificação moral dava o tom das histórias, levando o leitor a outros cenários e realidades.

O gênero romance diversificou-se em estilos: histórias de amor, aventura, policial, histórico, mistério e erótico, sua prosa de ficção se direcionou aos homens, com temáticas de suspense, aventuras, situações de perigo, investigação de crimes e assassinatos, às mulheres, os enlacs do amor, histórias de luta pela paixão, pela virtude do casamento e contra as

tentações. Aos primeiros eram destinados à educação, para a vida pública, para o trabalho; as segundas, muitas vezes, até desprovidas de educação formal, destinavam-se, apenas, o recôndito do lar (MALUF; MOTT, 1998). Em suma, o gênero disseminou-se pelo Brasil, durante o século XIX. Muitos romances ingleses, franceses e, posteriormente, nacionais poderiam ser adquiridos em livrarias, tendo capas luxuosas e altos custos, ou, até mesmo, em formatos mais simples, podendo ser tomados de empréstimo, em bibliotecas de gabinetes de leitura. De acordo com Amparo:

Os romances sentimentais contemporâneos no mercado editorial brasileiro são herança de uma tradição cultural livresca dos séculos XIX e XX, com a publicação de romances franceses, ingleses e norte americanos, todos traduzidos, que chegavam as livrarias brasileiras por meio das coleções *Biblioteca Cor de Rosa*, *Biblioteca das Moças* e *Biblioteca da Família*. (AMPARO, 2012, p. 14).

É neste momento que o gênero literário se massifica, com o surgimento das coleções. Segundo Roger Chartier (1990), a coleção é um novo tipo de impresso, inventado em um momento de um aumento do público leitor, da maior complexidade do mercado livreiro e pelo desenvolvimento da imprensa.

As edições de coleções têm um público leitor pretendido, normalmente, são populares, voltadas para as massas, que no Brasil, no final do século XIX e início do XX, é sinônimo de “consumidores”, e de acordo com Alessandra El Far (2006), os livreiros e os editores se atentaram para isso, criando, assim, coleções de livros.

Desde a década de 1920, era publicada, no Brasil, a coleção de livros da *Biblioteca da Família*, importados pela editora portuguesa Progridior. Uma coleção que incluía, apenas, romances dirigidos ao público feminino, que ficaram conhecidos como sendo “livros para moças” (RUSSO, 2012, p. 14). Tanto na Europa, quanto no Brasil, os livros eram aprovados pela Igreja Católica e a sua leitura era, abertamente, incentivada pelas escolas, sendo muito lido por estudantes normalistas.

Os livros eram vendidos a preços baixos, encontrados em livrarias e bancas de jornal. Eram traduções de histórias de romances estrangeiros. Os principais títulos e com o maior número de vendagem eram os romances franceses de M. Delly.

Entre os anos de 1926 e 1960, a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, publicou as coleções *Biblioteca das Moças* e a *Biblioteca Cor de Rosa*, eram 175 títulos de romances estrangeiros, traduzidos para o português e lançados no Brasil. M. Delly era a autora mais popular, com 29 títulos, seguida por Elinor Glyn, Bertha Ruck, Concordia Merrel e Guy de Cahantepleure. O sucesso das coleções rendeu várias reedições, entre os anos de

1982 e 1987 (LANG, 2008). Com a ditadura civil-militar no Brasil, os romances chegaram às bancas de revistas, a preços módicos, atingindo outras camadas sociais.

Entre os anos de 1965 e 1975, as mulheres das classes populares passaram a ler mais livros de literatura sentimental, por serem essencialmente destinados a elas, por estarem mais acessíveis, podendo ser adquiridos em bancas de revista, em um novo formato, o de bolso. Cabendo na bolsa, houve aumento de vendagem, pois facilitava a leitura, uma vez que se poderia ler em qualquer lugar, tanto em transportes públicos como em salas de espera e nos intervalos do trabalho. A portabilidade foi certamente uma das razões da popularização do gênero literário, aliada a uma estrutura narrativa simples. (SILVA, 2015, p. 12)

Ressalta-se aqui o trabalho de Ecléa Bosi, *Leituras de Operários: estudo de um grupo de trabalhadores em São Paulo* (1971). Em sua pesquisa, Bosi discute como os operários, em específico, as mulheres operárias, se interessam pela leitura, a partir do momento em que tiveram acesso aos livros. Em uma entrevista a revista *Pesquisa* da FAPESP (Abr, 2014), Bosi menciona que em suas pesquisas, sobre as operárias leitoras, identificou que a leitura de romances por elas é uma forma de reequilíbrio mental, em decorrência da exploração do trabalho e dos abusos sociais que sofrem. Por conterem histórias que fazem “sonhar” e por não serem histórias datáveis, tendo um caráter eternizado, os romances folhetins, nas palavras de Ecléa Bosi

Carregam o sentimento de exclusão do mundo, de evasão, a fantasia compensatória com que tanto Freud se preocupou... Umberto Eco tem uma expressão bonita para isso: estruturas da consolação. E Gramsci as nomeia complexo de inferioridade social ou devaneios de compensação. Gramsci lamenta muito que os intelectuais não se preocupem com as leituras populares. (BOSI, 2014, p.3)

A editora Nova Cultural percorrendo o mesmo caminho de publicações, do Grupo Abril Comunicações, no final da década de 1980 e até meados de 2011, publicou as coleções: *Sabrina*, *Júlia* e *Bianca*, também vendidas em bancas de jornal. Livros que foram lidos por gerações de mulheres brasileiras das mais variadas classes sociais, narrando histórias de amor, revelando intimidades e comportamentos femininos. As coleções fizeram muito sucesso e chegaram a tiragens de 600 mil exemplares por mês, um número significativo para o mercado editorial brasileiro (MEIRELLES, 2002).

## Conclusão

De acordo com Amparo (2012), atualmente as mulheres trabalhadoras correspondem a quase totalidade do público leitor de romances, seguidas por donas de casa e estudantes. Essas mulheres buscariam nas histórias à viagem, por meio da leitura, o encontro

com um mundo mágico, o sonho do amor romântico, a fruição e o relaxamento através da leitura.

Desde o início do século XX, presenciou-se um fenômeno social generalizado no mundo ocidental (PINTO, 1990; OLIVEIRA, 2013), cada vez mais, pode-se notar o aumento do número de mulheres, em diferentes atividades, na esfera pública, ou seja, fora de seus lares.

Essas atividades variam, desde mulheres de classes médias e altas, ocupando cargos gerenciais na esfera pública e privada, até mulheres de classe baixa trabalhando em diferentes ocupações em fábricas e, também, em outros setores. De acordo com Cavalcanti (2004), essas transformações caracterizam reconfigurações sociais, nas quais a mulher, por sua luta e conquistas, ganha o direito a voz, a participação política, a independência econômica e a liberdade sobre o seu corpo e o seu estado civil.

Com todo esse processo de emancipação da mulher e das próprias discussões de gênero, na atualidade, o gosto pela leitura de romances femininos não desapareceu, e, certamente, passou a ter novos arranjos e significados à mulher contemporânea, cabendo, essencialmente, à Literatura e à História, para além de outros campos disciplinares das Ciências Humanas, estudos mais aprofundados sobre a leitura desses livros, fazendo ecoar os seus múltiplos sentidos, estética e narrativa, revelando práticas de leituras e as subjetividades das leitoras.

## **Referências**

ABREU, Márcia. **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Coleção Histórias de Leitura. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2008, p. 298.

ALMEIDA, Leandro Antônio de. **Repercussão da expansão da ficção popular no Brasil dos anos 1930**. Revista História, São Paulo, n. 173, p. 359-393, jul-dez., 2015.

ALMEIDA, Nukácia Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher**: o jornal das moças. Anais do Simpósio ALB, 2014.

AMPARO, Patrícia Aparecida do. **Literatura feminina e invenção de si**: o romance sentimental como estruturador de relatos autobiográficos de mulheres leitoras. In: IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (IV CIPA), 2010, São Paulo. Anais do IV Congresso Internacional de pesquisa (Auto) Biográfica. Espaço (auto) biográfico: artes de viver, conhecer e formar. São Paulo: FEUSP; BIOGRAPH, 2010. p. 1-11.

\_\_\_\_\_. **A constituição de identidades femininas por meio da literatura:** o caso da coleção clássicos históricos. n: 17º Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas, SP. Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sonhando Acordada:** um estudo sobre as práticas de leitura da coleção de romances clássicos históricos. São Paulo, 2012. 331 p. Dissertação (Mestrado em História da Educação), FE-USP, 2012.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. **O império das emoções e a literatura sentimental no Brasil.** Revista Contracampo. Niterói, n. 22, fev, 2011, p. 32-43.

\_\_\_\_\_. **Os romances sentimentais e suas comunidades de leitura.** Revista O público e o privado. n. 24 - Jul/Dez, 2004, p. 119-134.

\_\_\_\_\_. **Os romances sentimentais e a revolução digital:** os processos de criação dos projetos de democratização da leitura nos livros do coração. Revista de Estudos da Comunicação. Curitiba, v. 16, n. 41, set-dez, 2015, p. 345-361.

ANDRÉ, Liliana Lacerda. **A imagem feminina no romance sentimental de massa.** Curitiba, 1991. 119 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UFP, 1991.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural** - considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História. v. 12, n. 16, 2011, p. 38-63.

BOSI, Ecléa. **Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados.** Entrevista. Revista: Pesquisa FAPESP, abr. 2018, p. 47-53.

CARVALHO, Cleiry de Oliveira. **Romance de mocinha e romance de mocinho:** a literatura narrativa de massa por um convívio dos contrários. Maringá, 2007. 288 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). UEM, 2007.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Escritura e Memória na formação de mulheres entre 1870 e 1940.** Revista História e Perspectivas, Uberlândia, n. 31, jul/dez, 2004, p. 153-176.

CHANTAL, Horellou-Lafarge; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, São Paulo: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados, São Paulo, n. 11, v. 5, p. 173-191, 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Biblioteca das Moças: contos de fada ou contos de vida?** Cadernos de Pesquisa. n. 85, maio, 1983, p. 54-62.

CUNHA, Maria Teresa Santos; CECCHIN, Cristiane. **Tenha Modos!** Educação e sociabilidades em manuais de civilidade e etiqueta (1900-1960). X Simpósio Internacional. Processo Civilizador. Campinas, SP, 2017, p. 1-11.

DANTAS, Marta Praga. **Tradução, Trocas Literárias e a Diversidade Editorial**. Revista Traduzires, n. 1, mai 2012, p. 1-12.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1985.

LANG, Cintia da Silva. **De moças (1926-1960) a ex-moças (1983-9187): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças**. São Paulo, 2008. 117 p. Dissertação (Mestrado em História da Educação) PUC-SP, 2008.

MALUF, Marina; MOTT, Lúcia Maria. **Recônditos do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.); NOVAIS, Fernando. (Coord). *História da Vida Privada no Brasil*. vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEIRELLES, SIMONE. **Das Bancas ao Coração: Romances sentimentais e leitura hoje**. Curitiba, 2002. 227 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UFP, 2002.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Sedução pela literatura**. Simpósio sobre Educação, UERJ, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PRADO, Rosane Manhães. **Um ideal de Mulher: Estudos dos romances de M. Delly**. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. n. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 72-111.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Relatos da Leitura no Brasil 4. Org. Zoara Failla, Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

RUSSO, Aline França. **Relendo M. Dely**: personagens, enredos e crítica. Belo Horizonte, 2012. 222 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Romeu e Julieta nas Bancas de Revista**. Periódicos Letras, Vol. 18, n. 2, 2012, p. 1-14.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860**(vertentes inglesas). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>>. Acesso em: 21 set. 2016.

## **WOMEN'S NOVELS: A FIELD OF STUDIES**

### **Abstract**

The present study presents an overview of literary and historical research on female novels. Through a bibliographical discussion, it is sought to delineate the contributions and questions pointed out by different researchers in their analysis of books and collections, published in the Brazilian publishing market in different periods within a literary and editorial project strictly aimed at the female audience. The studies show intentions and subjectivities in the representations of the female figure, arranged in the works, characterizing that it is opportune to weave more in depth studies on the reading of feminine novels, echoing its multiple senses, its aesthetic and narrative.

### **Keywords**

Novels. Literature. History of Reading. Female.

---

Recebido em: 04/06/2018  
Aprovado em: 25/09/2018